

"O DESEJO SE FOTOGRAFOU...": UM AUTO-RETRATO COMUNITÁRIO

Doralice Araújo *



"Libertar a arte... para torná-la uma dimensão da existência de todos e de qualquer um, fazendo da vida uma obra de arte. Em suma,...contaminar de arte o espaço social e a vida do cidadão comum." (Lygia Clark)

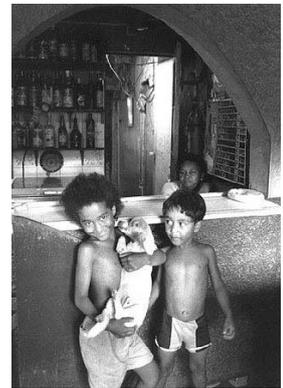
Produzir imagens, produzir cidadania. Produzir em comunidade e dar visibilidade às suas aspirações, necessidades, potencialidades, sonhos... ao desejo. Desejo de ser e realizar-se-com uma subjetividade singular e uma identidade cultural própria.

"O desejo se fotografou...", projeto realizado na comunidade "Amigos do Chapéu Mangueira", Leme - Rio de Janeiro, através de uma bolsa de pesquisa da FUNARTE e do Projeto Rio Zonal/Sul-IPUB/UFRJ em 1989, é um projeto de pesquisa/ação que busca a experimentação das potencialidades da linguagem fotográfica, como prática de pesquisa, como prática social e cultural.

Com sua poética singular, moradores da comunidade construíram na e pela imagem a trama de suas ações cotidianas, em interação constante com o fotógrafo/pesquisador.

* Doralice Araújo - Fotógrafa e Arteterapeuta, com atuação em projetos de Saúde Mental, Arte e Comunicação desde 1989. Idealizadora e coordenadora da TV Pinel (1994/1999). Pesquisadora do Laboratório de Imagens do Programa EICOS/IP/UFRJ. Professora do Ateliê da Imagem.

Buscando tomar a arte fotográfica como uma experiência ética, o projeto visava utilizar a metodologia de pesquisa participativa/interativa para a construção de uma estética peculiar - imagens/fotografias, que se constituíram como um auto-retrato da comunidade.



A comunidade "Amigos do Chapéu Mangureira" existe desde 1930. Bastante organizada, possui também diversas manifestações culturais, sendo a cerâmica a que tem se mantido mais viva dentro da comunidade.



A comunidade trabalha nas áreas comuns em sistema de mutirão. Assim foram realizados o Galpão de Arte, um forno a lenha para cerâmica, a recuperação da escola, a construção do Posto de Saúde e Cultura Popular Amigos do Chapéu Mangueira e a Creche Comunitária.

O Galpão de Arte (projeto criado com a colaboração da ceramista Celeida Tostes e alunos da Escola de Arte Visuais do Parque Lage), além de ser o espaço de confecção da cerâmica, é um espaço de referência para crianças e adolescentes da comunidade.

"D. Augusta os recebe , ensinando a técnica de transformar o barro e lhe dar a forma desejada . O Galpão é um espaço em que as crianças e adolescentes entram e saem, fazem barro ou não, organizam uma biblioteca infantil, conversam sobre seus problemas e da comunidade." (Lacerda, 1990)



Apesar de toda violência que estamos vivenciando, a comunidade do Chapéu se destaca por sua organização e perseverança, principalmente na figura do grupo de mulheres que levou à frente o projeto do Galpão de Arte e da Creche Comunitária.

Muitas comunidades descobriram um novo sentido e um novo valor como cidadãos, e têm definido seus rumos futuros pela prática e pela expressão de sua criatividade no artesanato, na dança, na música, no teatro, na fotografia, no vídeo, na tradição oral.



Todos necessitam comunicar suas experiências, suas esperanças e seus temores, e muitas ações locais contribuem para isso de forma criativa, através de empreendimentos e iniciativas que injetam nova vida ao corpo social.

A noção de criatividade não se refere apenas à produção de novas obras ou formas artísticas, mas também à busca de soluções de problemas em todas as áreas possíveis. *"Longe de ser exclusivamente ligada às artes, a criatividade é vital para a educação e o desenvolvimento social e comunitário. A criatividade consiste na ação individual e coletiva de fazer e inovar."* (Cuéllar, 1997)

"É o ato de criar que se torna obra É no ato que se reativará a poética" (Lygia Clark)

O uso da fotografia "interativa" na pesquisa pressupõe a ênfase no "processo de produção". É a participação no processo de produção de suas imagens, pelos próprios atores sociais envolvidos na pesquisa, que diferencia a utilização da fotografia de forma interativa.

A metodologia participativa - a interatividade na produção da imagem fotográfica - possibilitará o acesso ao imaginário daquele grupo - suas crenças, práticas, desejos, necessidades... O papel do pesquisador será o de "provedor de condições", no caso, oferecendo o meio - fotografia - para que o grupo se expresse.

A interatividade no processo de construção do discurso visual possibilita que o grupo seja agente de seu próprio discurso, fazendo um uso criativo dos meios visuais. Os comunitários envolvidos na pesquisa tornam-se, dessa forma, sujeitos da linguagem fotográfica.

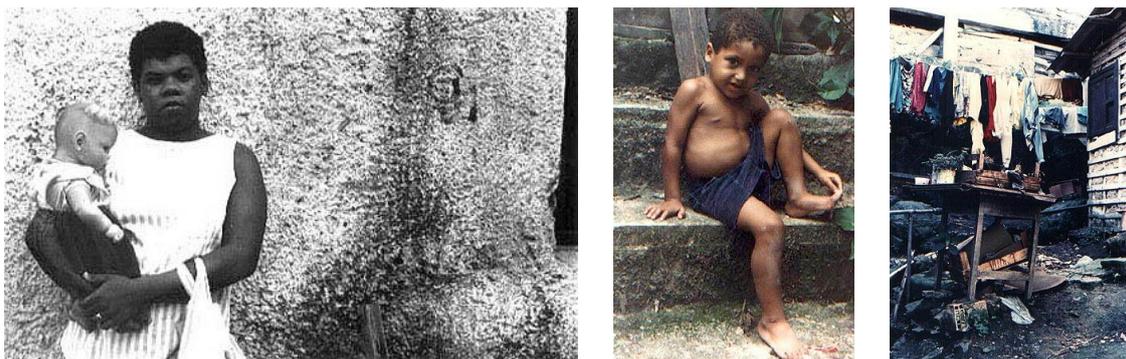


A arte interativa abordagem do fazer artístico, cujo impulso maior no Brasil foi dado por artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica, abandonou progressivamente a tarefa de produção de objetos de arte duráveis, dirigindo-se cada vez mais para a experiência em ato.

A experimentação em arte, através de uma abordagem interativa, possibilita que a produção seja um processo de descoberta das potencialidades

de expressão artística e o produto final, a valorização do sujeito com suas diferentes possibilidades de expressão.

Toda experimentação, superando os condicionamentos, dizia Oiticica, desemboca no próprio problema da liberdade. *"Uma obra de arte que, para realizar sua completude, requisita o tempo imanente do Outro é, portanto, um ato de politização."* (Herkenhoff,2001)



É de uma "Arte de Cidadania" que Hélio Oiticica nos fala; ele trata de uma ordem ético-social da arte, pertinente às questões socioculturais do Brasil.

Possibilitar a expressão do desejo é contribuir contra a exclusão - oferecendo a fotografia como um meio e uma mediação: como um meio de expressão e de valorização da cultura local, com sua dinâmica e subjetividades singulares; como uma mediação, no sentido atribuído por Martin Barbero (2001), o meio/fotografia, possibilitando o estabelecimento de um novo cenário de diálogo com a sociedade. Assim, a fotografia pode tornar-se mediadora do processo de inclusão sociocultural.

Sabemos que a imagem técnica não é apenas uma referência presente no cotidiano, mas podemos considerá-la constitutiva da cultura e da subjetividade contemporânea. Portanto, apropriar-se das imagens, tecendo uma autonomia criativa e expressiva, pode conduzir ao desenvolvimento de indivíduos singulares, exercendo o seu potencial enquanto sujeitos e cidadãos.

"Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser." (P. Dubois)



A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer), é também, em primeiro lugar, *"um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente:...uma imagem-ato."* (Dubois, 1994) O ato fotográfico inclui, segundo o autor, o gesto de tomada da imagem, sua recepção e contemplação. Logo, é o processo singular de produção, as circunstâncias em que foram produzidas as imagens, as marcas deixadas pelos sujeitos da imagem, sua recepção e contemplação, o que norteia a inserção da fotografia como prática de pesquisa e como prática social.

O uso da imagem na pesquisa participativa visa, portanto, criar um espaço em que os sujeitos da pesquisa, os atores sociais, possam construir o seu próprio discurso, a partir de uma leitura crítica das imagens do cotidiano e da produção de suas próprias imagens.

A comunidade ou grupo busca, então, através da imagem, colocar com autonomia a singularidade de sua visão de mundo. O objeto da investigação passa para trás das câmeras e se torna também sujeito da



investigação. A produção de sentidos dos novos produtos fotográficos vai depender agora de uma capacidade de criar novos processos de relação entre as partes em questão. É o estabelecimento de um novo "cenário de diálogo" mediado pela tecnologia.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, D. **O desejo se fotografou**: estudo das representações populares do desejo na cidade do Rio de Janeiro, projeto realizado para o Concurso Bolsa de Pesquisa - "O Desejo" - Núcleo de Estudos e Pesquisas- FUNARTE, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Fotografia e pesquisa participativa** - Laboratório de imagens do Programa EICOS - Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social IP/UFRJ, Rio de Janeiro: UFRJ/UNESCO, 2002. Disponível em: www.eicos.psycho.ufrj.br/

BARBERO, M. **Dos meios às mediações** : Comunicação, cultura e hegemonia; prefácio de Néstor Garcia Canclini; tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

BRETT, G. Lygia Clark: seis células. In: BASBAUM, Ricardo (Org.) **Arte contemporânea brasileira**: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

CUÉLLAR, J. P. (Org.) **Nossa diversidade criadora** : relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento; tradução de Alessandro Warley Candeas. Campinas, SP : Papirus, Brasília : UNESCO, 1997.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**; trad. Marina Appenzeller - Campinas- SP : Papirus, 1994.

HERKENHOFF, P. Brasil/Brasis In: BASBAUM, Ricardo (Org.) **Arte contemporânea brasileira**: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Amiciosos, 2001.

LACERDA, E. & MARCONDES, R.C. **A arte do Chapéu Mangueira**. Rio de Janeiro: Centro Universitário de Cultura/IPUB/UFRJ, 1990.

ROLNIK, SUELY. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio pleno de Lygia Clark. In: Bezerra JUNIOR., Benilton & Plastino, Carlos Alberto (Orgs). **Corpo**,

afeto, linguagem: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

TACCA, F. A representação icônica na cotidianidade do operário sapateiro da cidade de Franca - SP. In: _____. **Antropologia visual** :cadernos de textos. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, setembro de 1987.